



## ELEIÇÕES

# Perto de ser vice de Lula

Alckmin acerta a filiação ao PSB para concorrer na chapa do petista, mas persiste o impasse sobre candidato ao governo paulista

» VICTOR CORREIA  
» TAÍSA MEDEIROS  
» BERNARDO LIMA\*

O ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin está prestes a se credenciar como vice na chapa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para as eleições de outubro. Numa reunião, ontem, ele acertou a entrada no PSB. A filiação ainda não tem data marcada, mas deve ocorrer ainda neste mês.

A definição ocorreu numa reunião em São Paulo, da qual participaram o presidente da legenda, Carlos Siqueira; o prefeito do Recife, João Campos, e o ex-governador paulista Márcio França.

Apesar de o PSB dar como certa a filiação de Alckmin, o ex-tucano foi cauteloso ao comentar o encontro de ontem. "A reunião foi muito produtiva e provou haver convergência política e vontade de união em benefício do país", escreveu no Twitter.

"Sigo conversando com outros partidos que buscam uma unidade de ação em defesa da democracia e de melhores condições de vida para o nosso povo. Até a próxima semana, definirei a minha filiação partidária", acrescentou.

Desde o ano passado, Lula demonstra a intenção de tornar Alckmin seu vice para as eleições. Se a decisão for mesmo sacramentada, deve impactar as candidaturas da terceira via.

Segundo o deputado Arlindo

Ricardo Stuckert



Apesar de o PSB dar como certa a filiação, Alckmin disse que definirá futuro até a próxima semana

Chinaglia (PT-SP), independentemente do que tenha sido dito em público, Lula já afirmou que está trabalhando para tornar Alckmin seu vice. "Acho que a dimensão política disso não é aritmética. Setenta por cento de quem vai votar no Lula independe da escolha do vice. Mas ele também tem acesso ao pessoal do PSDB, ao eleitorado de São Paulo, que o elegeu para governador, então, ele traz votos a partir do nicho e da representação que tem", destacou.

Entre integrantes do PSB, o acerto teve avaliação positiva. O deputado Felipe Carreras (PE) disse que o ex-governador "será recebido de braços abertos". "O país atravessa um momento de radicalismo político, precisamos de força política para tirar Bolsonaro do governo, e o Alckmin tem essa visão", frisou. "Ele tem jogo de cintura, é uma pessoa de fácil diálogo. Será importante esse trânsito para o palanque em outubro. Vai ser bom para o PSB,

para o PT e para o país", pontuou.

Candidata à Presidência pelo MDB, a senadora Simone Tebet (MDB) enfatizou que seu partido não apoiará Lula nem Bolsonaro. "Nesse cenário polarizado, o MDB deu como necessário ter candidatura própria. Tenho convicção de que não há possibilidade de nos alinharmos com nenhum deles", afirmou.

O senador Izalci Lucas (PSDB-DF) classificou a união como "uma decisão com o figado".

## Saiba mais

### Divergências regionais

O ex-governador Geraldo Alckmin selou sua filiação ao PSB ao receber a garantia de que eventuais divergências regionais da legenda com o PT não serão obstáculo para que ele seja candidato a vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva.

No encontro, o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, apresentou ao ex-governador um mapa com o cenário do PSB nos estados. Alckmin pediu tempo aos pessebistas para conversar com seu grupo político, que deve segui-lo e, assim, reforçar a chapa de candidatos proporcionais (a deputado) da sigla em São Paulo.

A ida de Alckmin para o

PSB, porém, não resolve o impasse sobre a candidatura do campo da esquerda no estado. Segundo aliados do ex-tucano, um cenário possível é que Alckmin e Lula se dividam nos palanques de aliados que podem ser adversários no plano estadual: o ex-tucano pedindo votos para Márcio França (PSB) e Lula para o ex-prefeito Fernando Haddad (PT).

Até agora, os dois partidos não conseguiram unificar seus projetos no principal colégio eleitoral do país. França chegou a sugerir a Lula que PSB e PT façam, juntos, uma pesquisa de intenção de voto com o cenário do segundo turno para definir quem seria o candidato, mas os petistas resistem à ideia. Na semana passada, Haddad recebeu o apoio oficial do PCDoB, que estava também dialogando com França.

"Antes, ele (Alckmin) falava uma coisa sobre Lula e o PT, e agora isso", reprovou, numa menção às críticas que o ex-governador fazia ao petista. "Acredito que ficará para a história como uma das grandes decepções do PSDB."

Já o deputado Evair de Melo (PP-ES) definiu como "falta de

respeito". "Diz o ditado que 'quem se junta aos porcos está condenado a comer farelo'. É uma total falta de respeito com quem, um dia, achou que Alckmin fosse uma pessoa séria", disparou.

\*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa

## NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

# Bolsonaro mira reeleição com "economia de guerra"

O presidente Jair Bolsonaro considera a guerra da Ucrânia uma oportunidade, e não uma ameaça. Todas as suas declarações sinalizam nessa direção. Embora o Brasil tenha se posicionado contra a agressão de Vladimir Putin, que pôs o mundo diante de uma provável recessão e à beira de uma terceira guerra mundial, Bolsonaro flerta com o perigo, mantendo as relações com a Federação Russa no mesmo patamar em que estava quando visitou Moscou, no mês passado.

Não é que não esteja levando em conta o impacto das sanções econômicas à Rússia aqui no Brasil, muito pelo contrário. É que esse impacto virou o

pretexto de que precisava para a adoção de medidas econômicas de caráter populista, agora com a narrativa de que é preciso de mitigar os efeitos da crise internacional com uma "economia de guerra". Além de se beneficiar da polarização com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que esvazia a chamada terceira via — cujos candidatos não decolam nem desistem, muito menos se unificam —, Bolsonaro aposta na retomada gradativa dos empregos; no efeito dos programas sociais de transferência de renda, como o Auxílio Brasil; e no fim da pandemia de covid-19, graças à vacinação que tanto combateu.

A Quaresma, que começou em

2 de março, quarta-feira de cinzas, e só termina no Domingo de Ramos, em 14 de abril, politicamente, é um período de grandes definições. Por causa da janela para a troca de partidos e do fim do prazo de desincompatibilização para quem pretende ser candidato, como os governadores de São Paulo, João Dória (PSDB), e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), que flerta com o PSD, embora o grupo que o apoiou nas prévias ainda aposte na desistência do tucano paulista.

No momento, o núcleo político do governo — principalmente o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) — trabalha

intensamente para dobrar a resistência do ministro da Economia, Paulo Guedes, e promover uma mudança radical na política de preços da Petrobras. Bolsonaro já aderiu à tese e, ontem, sinalizou que isso está decidido. Em entrevista à Rádio Folha, de Roraima, adiantou que o governo vai mesmo acabar com a paridade de preços do petróleo com o mercado internacional por causa da guerra.

"Agora, tem uma legislação errada feita lá atrás, que você tem a paridade com o preço internacional, ou seja, o que é tirado do petróleo, leva-se em conta o preço fora do Brasil, isso não pode continuar acontecendo. Estamos vendo isso aí sem mexer, sem nenhum sobressalto no mercado, e está sendo tratado, hoje à tarde, em mais uma reunião", disse.

A Petrobras paga pelo barril de petróleo o mesmo preço cobrado no mercado internacional, o que evita perdas, e ainda lucra vendendo óleo para o exterior. O repasse dos aumentos de preços,

como os que estão acontecendo agora, acabam impactando não só o bolso de quem abastece seu veículo, mas o da população em geral, porque o preço do combustível acaba incorporado aos custos dos demais bens e serviços, provocando mais inflação.

Ontem, o preço do barril de petróleo do tipo Brent, referência internacional, saltou 18% e chegou a ultrapassar US\$ 139, seu nível mais alto desde 2008, quando atingiu US\$ 147,50, em julho. Para reparar esse aumento, a Petrobras teria de elevar em 50% o preço dos combustíveis. "A população não aguenta uma alta por esse percentual aqui no Brasil", afirmou Bolsonaro.

## Passando a boiada

Bolsonaro também quer aproveitar a guerra da Ucrânia para passar a boiada no Congresso. Voltou a defender a aprovação do projeto que libera a mineração em terras indígenas. Essa

agenda está há dois anos na Câmara, mas agora entrou na ordem do dia, apesar dos protestos de lideranças indígenas, ambientalistas e personalidades da vida nacional, como Caetano Veloso, que está convocando um ato em Brasília em defesa das terras indígenas, como porta-voz de dezenas de entidades.

A narrativa de Bolsonaro é de que é preciso explorar o potássio da foz do Rio Madeira para produzir fertilizantes, reduzindo o risco de um colapso do abastecimento desse insumo básico para nossa agricultura, em razão das sanções contra a Rússia. A propósito, a ambiguidade de Bolsonaro em relação à Rússia está gerando tensões com os Estados Unidos, que gostariam de um alinhamento maior com o Ocidente. Nesse aspecto, o governo brasileiro está priorizando suas relações comerciais derivadas do agronegócio, em detrimento do alinhamento político e ideológico com o Ocidente.

# Mais de 50 milhões investidos nas 7 UPAs.

Acompanhe as ações do GDF.



UPA do Riacho Fundo II

